

Vários governos estão sendo forçados a rever seus programas

do The Economist *

A combinação do envelhecimento das populações com os avanços tecnológicos está forçando governos do mundo inteiro a reverem seus programas de saúde. Essas revisões estão preocupando os eleitores e deixando furiosos os responsáveis pelas companhias de "lobby" — essa situação poderá derrubar mais do que um único governo nos próximos meses.

• Na França, o governo da primeira-ministra Edith Cresson irritou os eleitores ao aumentar as contribuições de segurança social; e ela deixou enfurecidos os médicos e as enfermeiras impondo novos controles a respeito das despesas médicas. Mas com perspectivas de o orçamento de segurança social ficar 25 bilhões de francos no vermelho (US\$ 4,5 bilhões) até dezembro último e com o orçamento das drogas totalmente fora de controle, algum tipo de ação é imperativo.

Uma recente tentativa para a criação de uma agência capaz de regulamentar os custos das drogas fracassou na Assembleia Nacional (que teme um declínio da indústria farmacêutica francesa) e teve de ser imposta pela primeira-ministra, causando grande fúria por parte dos lobistas da indústria farmacêutica. Os médicos e farmacêuticos estão agora organizando e realizando greves e demonstrações pelo país inteiro.

De fato, pessoas que trabalham em todos os níveis do campo de saúde estão apelando para técnicas do tipo "agitprop" (agitação e propaganda) com a finalidade de proteger os seus privilégios e para melhorar os seus salários. As enfermeiras entraram em greve por duas semanas em outubro em apoio às suas demandas de aumentos salariais de 20% e à criação de 20 mil novos empregos no setor. (Uma passeata de 3 mil enfermeiras até o Palácio dos Campos Elíseos foi enfrentada pela polícia com jatos de água e com granadas de gás lacrimogêneo).

• No seu orçamento de agosto, o governo da Austrália introduziu uma taxa de 3,50 dólares australianos (US\$ 2,75) para todas as consultas, numa tentativa de cobrir os custos cada vez mais elevados do Medicare (serviço público de saúde) e para deter os tratamentos exagerados dispensados pelos médicos. As enfermeiras e os médicos foram às ruas e no Parlamento, o Partido Trabalhista denunciou o governo por estar traindo o princípio dos cuidados gratuitos com a saúde. A confusão resultante ameaçou uma séria erosão da autoridade do agora ex-primeiro-ministro, Bob Hawke. Com uma redução da taxa única para 2,50 dólares australianos, a linha defendida por Hawke conseguiu se impor, se bem que apenas de forma precária.

• O governo da Itália provocou recentemente uma barulhenta oposição quando anunciou seus planos para reduzir os gastos com a saúde e para aumentar as taxas cobradas das receitas médicas. Com eleições previstas para abril, o governo acabou se rendendo sem luta, preferindo arquivar os planos. Mesmo se os ministros responsáveis conseguirem recuperar suas intenções iniciais, será necessário bem mais do que aumentos nas taxas cobradas pelas receitas mé-

dicas para impedir que o sistema de cuidados de saúde da Itália mergulhe num grande caos. Isto foi tacitamente reconhecido pelo governo, quando ele montou uma dispendiosa pesquisa para determinar as falhas no atual sistema.

O verdadeiro problema é menos uma falta de recursos — a Itália dispõe de uma generosa quantidade de hospitais equipados com os mais modernos equipamentos — do que uma péssima organização. Os hospitais não têm administração financeira e muitos dos seus médicos trabalham apenas durante meio período — o que explica piadas italianas dizendo que os italianos doentes precisam tomar uma aspirina ou então um avião.

• Também na Espanha o governo resolveu apelar para a postergação das coisas. Em julho, uma comissão parlamentar recomendou a privatização de grande parte da administração dos serviços de saúde do país e a adoção de taxas para os cuidados hospitalares; ela chegou até mesmo a sugerir que os aposentados e pensionistas deveriam pagar 40% dos custos dos seus remédios, que atualmente são distribuídos de forma gratuita. As propostas provocaram manifestações de fúria praticamente de todos os lados. Os sindicalistas e os membros das campanhas de lobby dos médicos juntaram-se aos aposentados e aos políticos da oposição para atacarem estas propostas. Em setembro, o governo centrista, que deverá enfrentar uma eleição geral em 1993, decidiu que um maior valor pelo dinheiro não vale o preço da derrota política e resolveu arquivar o pacote todo.

• Nos Estados Unidos, o problema não é uma oposição a reformas propostas pelo governo, mas o desespero diante da falta total de tais propostas. A sombria situação na qual se encontra o sistema norte-americano de cuidados de saúde poderá se transformar numa das principais questões das eleições presidenciais do próximo ano. Tanto o governo federal quanto os governos estaduais estão se preocupando com a possibilidade de que dentro em breve eles não poderão arcar mais com os custos decorrentes dos subsídios dos tratamentos médicos para os pobres e para os aposentados e pensionistas. As empresas estão se queixando de que o custo exorbitante dos seguros médicos pagos por seus funcionários está provocando um estrangulamento dos lucros, além de reduzir a mobilidade dos trabalhadores. E a classe média norte-americana está encontrando dificuldades cada vez maiores para arcar com os custos dos seguros médicos. Até mesmo a profissão médica, outrora muito complacente, está se preocupando: a publicação interna da Associação Médica Norte-Americana recentemente dedicou toda uma edição para discutir mais de 70 idéias de reforma.

Os democratas têm planos de capitalizar a frustração generalizada do grande público, transformando a saúde num dos principais elementos da sua plataforma eleitoral para o próximo ano. No entanto, os democratas não conseguem concordar com o que eles gostariam que fosse feito.

(*) O primeiro artigo foi publicado em 18 de dezembro.